

30º Encontro Anual da ANPOCS

Caxambu, 24 a 28 de outubro de 2006

Sessão Especial 05: Marcel Mauss e as Ciências Sociais
quarta-feira, 21:00, Anfiteatro Caxambu

Coordenador: Renato Ortiz, UNICAMP
Eric Sabourin, UnB, Cirad
Lygia Sigaud, Museu Nacional
Paulo Henrique Martins, UFPE

Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade¹

Eric Sabourin

Antropólogo do Cirad (França), UR Arena, pesquisador visitante CNPq no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, sabourin@cirad.fr

Resumo: Por que da dádiva à reciprocidade? Porque, precisamente, ao longo do Ensaio sobre a dádiva (1924), Marcel Mauss descreve relações e prestações de reciprocidade. Procurando explicar as origens humanas do intercâmbio, Mauss descobre princípios fundamentais da organização e da lógica econômica e social das comunidades e sociedades de reciprocidade. A dádiva e a contra dádiva, redescobertas por Mauss, pertencem a uma dialética social e econômica polarizada pelo prestígio e pela honra. Essa polaridade por si só, proíbe reduzir o sistema dádiva/contra-dádiva a um intercâmbio (uma troca) e explicar o princípio de redobramento da dádiva pelo interesse do primeiro doador.. Nas sociedades, primitivas ou contemporâneas, estudadas por Mauss, que são reguladas por sistemas de reciprocidade, mais você dá e mais você é socialmente reconhecido. O reconhecimento se traduz, portanto em prestígio e em autoridade política. Mas, para poder dar, tem que produzir: a produção está subordinada à doação, o que gera uma economia com princípios inversos àqueles da economia de intercâmbio ocidental.

¹ Texto apresentado em 26/10/2006 na Sessão Especial “Marcel Mauss e as Ciências Sociais” do 30º Encontro Anual da ANPOCS 2006 Coordenador: Renato Ortiz, UNICAMP; Eric Sabourin, UnB e Paulo Henrique Martins, UFPE

Introdução

Minha formação inicial de agrônomo e de etnólogo me fez descobrir Mauss pela antropologia das técnicas: Mauss chama a técnica de “*ato tradicional eficiente*” e define sua eficiência pela conformidade de um resultado da ação técnica com um projeto, que não pode ser apenas individual: “*produzir o efeito esperado*”. Cabe ao grupo social que usa uma técnica julgar sua eficiência, não unicamente do ponto de vista da sua complexidade material, mas também do ponto de vista de um projeto social, culturalmente definido.

Qual é o projeto social das coletividades humanas? Foi a questão fundamental levantada por Marcel Mauss e, junto com ela, a intuição de um vasto e essencial programa de pesquisa para as ciências sociais e para a humanidade.

Isto foi o início da minha apreensão dos fatos sociais totais, que me levaram pelos caminhos da antropologia e da sociologia econômica.

Portanto, hoje, reverencio em Mauss um pensador que antecipou a interdisciplinaridade que tanto nos falta para apreender certas categorias de objetos, e um pesquisador que ultrapassou as fronteiras, às vezes irrisórias, quando não estéreis, entre antropologia, sociologia, psicologia e até economia.

Entrei na antropologia econômica pela porta da reciprocidade, com as minhas primeiras pesquisas com comunidades amazônicas, campesinas e indígenas da Bolívia e do Peru, guiado por Robert Jaulin, Dominique Temple, mas também por César Fonseca Martel e Enrique Mayer. Foram eles que me fizeram redescobrir o ensaio sobre a dádiva, dessa vez a partir de uma práxis e em torno da análise de um material etnográfico e sociológico próprio. Levaram-me, assim a compartilhar esse sentimento de *estar tocando a rocha das bases da humanidade*, sentimento e paixão compartilhada com vários membros do Movimento Anti-Utilitarista em ciências Sociais, o MAUSS.

Depois dos inúmeros e qualificados escritos e comentários produzidos a propósito do “Ensaio sobre a dádiva”, em particular no marco da Anpocs entre 2001 e 2003, e da produção cada vez mais importante das ciências sociais brasileiras sobre o tema, o que agregar sem ser repetitivo ou pretensioso? Gostaria, simplesmente de retomar os comentários e o debate da dádiva nesse ensaio de Mauss, a partir das recentes publicações de autores brasileiros e franceses às quais tive acesso, sem pretender ser exaustivo. Estou me referindo aos artigos de Lygia Sigaud, de

Marcos Lanna, de Paulo Henrique Martins e Luis Roberto Cardoso de Oliveira no Brasil e de Alain Caillé, Dominique Temple e Mireille Chabal na França.

Desenvolverei uma reflexão em torno de um duplo paradoxo do “Ensaio sobre a dádiva” :

Por um lado, Mauss evidencia que a dádiva é o oposto do intercâmbio mercantil e ao mesmo tempo, procura encontrar na dádiva a origem do intercâmbio.

Por outro lado, evidencia a essência da reciprocidade com o caráter universal da tríplice obrigação de dar, receber e devolver, e não chega a teorizar sobre a reciprocidade², trabalho que deixou para seus seguidores, em particular Claude Lévi-Strauss e mais recentemente D.Temple, J. Godbout (2004) ou M Anspach (2001).

Lygia Sigaud (1999) mostra muito bem a descontinuidade da herança de M. Mauss e, sobretudo, as diversas interpretações, as vezes contraditórias, que foram feitas do “Ensaio sobre a dádiva”.

Sigault analisa muito bem como Levi-Strauss (1950) utilizou partes do Ensaio sobre a Dádiva para justificar sua teoria da troca generalizada e da troca simbólica. Devemos a Temple e Chabal (1995 para edição francesa e 2004 para a edição em espanhol) a explicação mais completa das contribuições respectivas de Mauss e de Lévi-Strauss para as teorias da dádiva e da reciprocidade.

Esse duplo paradoxo no Ensaio, leva portanto às duas partes da minha reflexão. A primeira parte trata da dádiva como contrário do intercâmbio e não como origem do intercâmbio. A segunda trata da explicação empírica da reciprocidade no Ensaio sobre a Dádiva. Tento propor uma síntese, embora inacabada, desses ensinamentos na terceira parte do texto.

1. A dádiva como contrario do intercâmbio

As transações primitivas associadas nas prestações totais

Mauss identifica nas prestações totais das sociedades antigas ou primitivas, uma forma de relação que ele chama de dádiva-intercâmbio que se diferencia do intercâmbio mercantil, na

² No conjunto dos textos do ensaio sobre a dádiva, o termo reciprocidade aparece uma única vez, o adjetivo recíproco, quatro vezes a palavra intercâmbio mais de noventa vezes. Isto dá uma idéia do contexto teórico e epistemológico do início do século XX e do peso da universalidade do modelo do intercâmbio e da sua expressão econômica no intercâmbio mercantil.

medida em que associa um valor ético, uma moral, a transação econômica. Mauss usa a expressão de “moral do dádiva-troca”.³

“O sistema que propomos de chamar o sistema de prestações totais , de clã a clã – aquele nos qual indivíduos e grupos trocam tudo entre si – constitui o mais antigo sistema de economia e de direito que podemos constatar e conceber. Ele forma o fundo sobre o qual se destacou a moral da dádiva troca” (p 299)

« Veremos a moral e a economia que regem essas transações e como constataremos que essa moral e essa economia funcionam ainda em nossas sociedades de forma constante e, por assim dizer, subjacente, como acreditamos ter aqui encontrado uma das rochas humanas sobre as quais são construídas as nossas sociedades”. p188⁴

Mauss diferencia essas dádivas de presentes, bens e símbolos da troca utilitarista:

Primeiro, não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, em grupos ou mediante seus chefes no caso do potlach.

“Em primeiro lugar, não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam “ (p 190)

Mauss constata que não se pode separar os sentimentos, os valores morais ou humanos das prestações ou das coisas “trocadas”. Descreve assim as oferendas mútuas de viveres dos Kanak.

“Ademais, o que eles trocam não são exclusivamente bens, riquezas, bens moveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo,

³ « Le système que nous proposons d'appeler le système des prestations totales, de clan à clan, - celui dans lequel individus et groupes échangent tout entre eux - constitue le plus ancien système d'économie et de droit que nous puissions constater et concevoir. Il forme le fond sur lequel s'est détachée la morale du don-échange ». (p 266 Fr)

⁴ “Nous verrons la morale et l'économie qui agissent dans ces transactions...comme nous croyons avoir ici trouvé un des rocs humains sur lesquels sont bâties nos sociétés »,

amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, feiras...»

Segundo, Mauss faz a distinção entre o intercâmbio mercantil, motivado pelo interesse e o sistema de dádiva no qual reina a nobreza e a honra e no qual o doador ganha prestígio, em particular na análise que ele faz do potlach ou da dádiva agônística.

Se Mauss interpreta a dádiva como um intercâmbio arcaico, não é no sentido utilitarista, onde o doador deveria recuperar seu bem, mas porque o donatário quer resguardar seu prestígio, quer dizer o seu nome, sua integridade espiritual (seu *mana*).

“Se as coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos mútuos” – podemos dizer igualmente, “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se “dão” ao dar, e , se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens - aos outros” (p263).

Temple e Chabal (1995) lembram que Mauss foi criticado por ter dado demasiada importância ao *mana* e consideram, ao contrário, que Mauss percebeu justamente que a matriz do laço entre as almas, do *mana*, encontrava-se na obrigação de devolver.

A dádiva segundo Mauss interessa não somente as coisas, mas os seres, o ser.

« Pelo momento, é claro que para o direito Maorí, a obrigação de direito, obrigação pelas coisas é uma obrigação entre almas, já que a coisa tem uma alma, é alma. Dali que oferecer algo a alguém é oferecer algo de si próprio ».

As observações de Mauss mostram, abundantemente, que a dádiva equivale, para seu autor, a um crescimento da consciência de ser, a um incremento de autoridade e de fama.

De fato não têm nem intercâmbio nem compra. O prestígio nasce da dádiva e se relaciona àquele que toma a iniciativa: ao doador, para constituir seu próprio nome, sua fama, o valor de “renome”, de fama.

Terceiro, Mauss não se resolve a chamar de intercâmbio (ou de troca) as relações que esta analisando, precisamente porque representam o contrário da troca, inclusive para as prestações de coisas úteis.

“Esses fatos respondem também à uma série de questões relativas às formas e as razões do que erroneamente é chamado a troca “o escambo”, a “permutation” das coisas úteis” (p 302)⁵

Portanto, a dádiva e a contra dádiva, redescobertas por Mauss, pertencem a uma dialética social e econômica polarizada pelo prestígio e pela honra. Essa polaridade por si só, proíbe reduzir o sistema dádiva/contra-dádiva a um intercâmbio (uma troca) e reduzir o efeito de redobramento da dádiva ao interesse do primeiro doador.

2. A questão da reciprocidade

O Ensaio sobre a dádiva é introduzido por um verdadeiro programa de pesquisa em torno de duas perguntas complementares :

- Por que as dádivas de presentes devem ser obrigatoriamente devolvidas?
- E por que essa universalidade da reciprocidade?

Mauss pergunta : *“Qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo arcaico, faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuídoQue força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua? » (p188)⁶*

⁵ *Ces faits répondent aussi à une foule de questions concernant les formes et les raisons de ce qu'on appelle si mal l'échange, le « troc », la permutation des choses utiles, p266*

⁶ *“ Quelle est la règle de droit et d'intérêt qui, dans les sociétés de type arriéré ou archaïque, fait que le présent reçu est obligatoirement renduQuelle force y a-t-il dans la chose qu'on donne qui fait que le donataire la rend ?*

O que explica essa reciprocidade?

Pois as dádivas voltam, são recíprocas e necessariamente devolvidas. A obrigação de devolver parece desmentir a gratuidade das dádivas. Ela seria apenas aparente, ocultando um intercâmbio interessado. Portanto, no início da explicação de Mauss a tese do intercâmbio universal é mantida.

Mauss situa, portanto a “troca – dádiva” como um ponto de passagem entre as prestações totais das sociedades arcaicas e os intercâmbios modernos. Assim, a história mostraria a evolução do intercâmbio a partir de prestações primitivas onde a comunicação entre os homens seria ao mesmo tempo material e simbólica: intercâmbio de bens e comunhão entre os seres, isto até a separação entre as comunicações espirituais, afetivas e materiais dos tempos modernos.

No entanto, essa coerência da sua teoria deixa o próprio Mauss insatisfeito. Evoca várias vezes o vocabulário do intercâmbio e do interesse como *palavras tipicamente européias* que segundo ele se aplicam tão mal ao que quer dizer. Procura, portanto uma palavra indígena, para explicar que “os indígenas”⁷ fazem referência a um motor das prestações econômicas diferente do interesse. Motor ao qual Mauss dá um nome polinésio: o *mana*.

Mauss reconhece não poder reduzir o *mana* à noção de interesse econômico. Propõe compará-lo a um capital imaginário, ao ser do doador.

Mas, explica Temple (1995) como a supremacia da sociedade ocidental sugere fortemente que o intercâmbio seja a forma mais evoluída das prestações humanas, a solução mais fácil para ligar intercâmbio e dádiva, é interpretar a reciprocidade das dádivas como um intercâmbio arcaico.

Precisa então reduzir o *Mana*, que segundo as referências indígenas comanda a reciprocidade a um valor que possa ser trocado. Mauss atribui o *mana* ao doador, como uma propriedade espiritual, assim, dando algo, dá-se algo de si mesmo.

⁷ Os inventores da reciprocidade como reconhece Lévi Strauss (1950) no seu prefácio a Sociologia e Antropologia (1950)

A noção de dádiva de si leva a idéia que a dádiva cria uma dependência para o outro, porque o *mana*, o ser do doador seria inalienável. Portanto aquele que receberia esse símbolo seria obrigado a restituí-lo ou a ficar sob a sua dependência.

A interpretação que Mauss dá do *hau* Maori parece corrobora essa tese. O *hau* maori é esse *mana*, a força de ser do doador que acompanha o bem dado e que, onde que esse for, terá que voltar.

Para Temple (1995), o prestígio fica no coração de uma reflexão inacabada de Mauss. O *hau* maori e o *mana* polinésio seriam, segundo esses povos, a razão da circulação dos bens. Ora, Mauss observa que para dar conta dessa circulação os Maoris falam de um ciclo ternário: A dá a B que dá a C o qual devolve a B que dá de novo a A.

Mauss acredita que os *Maori* querem explicar a reciprocidade das dádivas dando uma cara ao *mana*, portanto esse terceiro parceiro seria necessário para visualizar um valor moral⁸

Mas, afirma Temple, a tese de Mauss pode ser apenas incompleta, porque Mauss propõe outra solução: o *hau* ou o *mana* não constituem um valor já instituído como próprio do doador, mas ao contrário, um valor produzido pela reciprocidade das dádivas, pelo movimento dos bens, materiais ou simbólicos.

No cara a cara da reciprocidade esse valor ético é compartilhado pelos protagonistas como um terceiro incluído. Para evidenciar esse terceiro, é possível recorrer a uma estrutura que não seja um estratagema, como o imagina Mauss, mas uma estrutura de reciprocidade bem concreta, ternária em vez de ser binária: precisamente a reciprocidade simétrica que Lévi Strauss qualifica de intercâmbio restrito.

Essa estrutura ternária - que aparece subjacente na categoria do intercâmbio generalizado de Lévi Strauss - é aquela que permite a cada parceiro encarnar, entre seus dois outros parceiros, esse terceiro incluído.

Para Temple, essa interpretação tem o mérito de esclarecer também o caso da explicação de Ranaipiri o sábio Maori que explica o funcionamento do *hau* para o etnólogo Best. *É um texto*

⁸ Essa interpretação de Mauss foi condenada por Lévi-Strauss que pretende que os Maori, não sabendo reconhecer o intercâmbio como motor oculto da reciprocidade das dádivas, invocam um *deus ex machina*, o *mana*.

muito claro diz Mauss, mas que apresenta uma única obscuridade: a intervenção de uma terceira pessoa.

Pois, em realidade, cada parceiro de um ciclo de reciprocidade é responsável pelo sentimento de justiça, mas precisamente porque tal sentimento é produzido pela estrutura ternária de reciprocidade.

3. Síntese e ensinamentos

As prestações primitivas revestem a forma de dádivas, de presentes, reguladas por três obrigações interligadas: dar, receber e devolver (p 150). Dar é uma obrigação, sob a pena de provocar uma guerra (p162)

Cada uma dessas obrigações cria um laço de energia espiritual entre os atores dessas prestações (*un lien d'âmes*), um vínculo de almas associado de maneira inalienável ao nome do doador, quer dizer ao seu prestígio.

A devolução ou a volta da dádiva é explicada pela força presente na coisa dada, pelo laço espiritual ao qual, a falta de equivalente ocidental, Mauss dá um nome em língua da polinésia de *Mana*, ou que reconhece também no *hau* dos maoris.

Pois, segundo Temple (1995) o prestígio não corresponde ao ego do doador, mas ao ser ao qual ele aspira, que não lhe preexiste e que deve ser produzido, mediante a relação de reciprocidade.

Ora bem, a reciprocidade supõe uma preocupação pelo outro. Não se pode estar inquieto do outro sem se preocupar das suas condições de existência. A preocupação pelo outro se torna, portanto hospitalidade, dádiva de alimentos e viveres, proteção, quer dizer tantos motivos ou obrigações para produzir.

A partir das observações de Mauss sobre as dádivas, Temple propõe uma regra de base da economia primitiva: *Se para ser, tem que dar, para dar, tem que produzir*. A produção de riquezas materiais é, portanto, uma consequência da produção de energia espiritual, de mana. Mauss identificou a reciprocidade das dádivas, mas não o motor de uma economia de

reciprocidade, porque na sua época e no seu ambiente, não existia outra possibilidade de evolução econômica fora o intercâmbio.

Diferença entre intercâmbio e reciprocidade

Como Lévi-Strauss (1947) o mostrou, o intercâmbio é, às vezes, chamado de recíproco porque de fato, satisfaz o interesse de cada parceiro. Nesse caso, em que difere da reciprocidade? Precisamente porque a reciprocidade implica na preocupação pelo outro para estabelecer o *mana*, para produzir valores afetivos ou éticos como a paz, a confiança, a amizade, a compreensão mútua.

O intercâmbio utiliza esses primeiros valores humanos para se poupar da violência. O intercâmbio é uma relação de interesses, mas que supõe uma reciprocidade mínima. A razão aconselha de fato, estabelecer a competição de interesses em cima da confiança, da paz e da compreensão mútua produzidas pelas relações de reciprocidade.

Dá para entender que se possa muito facilmente confundir o intercâmbio com uma forma de reciprocidade. Mas, em realidade, ele inverte o movimento da reciprocidade, porque em vez de se preocupar com o outro, procura em primeiro lugar a satisfação do próprio interesse.

Segundo Temple e Chabal (1995) Mauss reuniu as principais peças de uma teoria da reciprocidade: a dádiva, a obrigação de devolver, o prestígio e o terceiro, esse elemento que era a única obscuridade da teoria indígena.

Mauss fica convencido da idéia que o ciclo das dádivas leva a obrigação de devolver. No entanto, essa obrigação supõe uma estrutura fundamental de simetria entre as dádivas ou recorrer a um terceiro.

Um fato importante no Ensaio sobre a Dádiva é precisamente que para o essencial do que descobre e que não corresponde à lógica do intercâmbio, Mauss deixa falar os “indígenas”. Para qualificar o valor espiritual associado ao movimento das dádivas ou para a necessidade do terceiro usa o *mana* ou a cara do *mana*.

Quando introduz o termo de “manifestar respeitos recíprocos” traduz a expressão dos índios Tlingit.

Para falar desse laço espiritual, usa a expressão kanak “*A reciprocidade das dádivas é como a agulha que tece o teto do mundo*”.

Pois o terceiro é um vínculo de almas, a reciprocidade sua matriz, o princípio da sua gênese. No final da sua obra, Mauss (1931, 1968-1969) percebe a origem natural da estrutura de reciprocidade nas condições do parentesco (exogamia e filiação).

“a separação por sexo, por gerações, por clãs, leva a fazer de um grupo A o associado de um grupo B, mas esses dois grupos, A e B, quer dizer as linhagens, são precisamente divididas por sexos e gerações : as oposições cruzam as coesões” (1931).

Mas, de fato, já na conclusão do Ensaio, Mauss explica essa moral da reciprocidade como matriz da humanidade, de uma maneira bem clara:

“Convém que o cidadão não seja nem demasiado bom e subjetivo demais, nem demasiado insensível e realista demais. E preciso que ele tenha um senso agudo de si mesmo e também dos outros e, da realidade social (e haverá, nesses fatos de moral uma outra realidade ?). Ele deve agir levando em conta a si, os subgrupos e a sociedade. Essa moral é eterna, é comum as sociedades mais evoluídas, às do futuro próximo, e as sociedades menos educadas que possamos imaginar ! Tocamos a pedra fundamental. Nem mesmo falamos mais em termos de direito, falamos de homens e de grupos de homens , porque são eles, é a sociedade, são os sentimentos de homens de carne, osso e espírito que agem o tempo todo e agiram em toda parte.”

Considerações finais

A intuição genial de Mauss foi a sua capacidade em vislumbrar a continuidade dessas categorias nas nossas sociedades.

Nesses fenômenos sociais “totais” (...) exprimem-se de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais, políticas e familiares, - e econômicas -

estas supondo formas específicas da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição.....(p187) ⁹

Mauss via, também, na antiguidade e na universalidade de uma pluralidade de formas de mercados, a estrutura da reciprocidade generalizada, antecipando as propostas mais recentes da economia solidária.

“Descreveremos os fenômenos de troca e de contrato nessas sociedades que são, não privadas de mercados econômicos como se afirmou – pois o mercado é um fenômeno humano que, a nosso ver, não é alheio a nenhuma sociedade conhecida –, mas cujo regime de troca é diferente do nosso”. (p 188) ¹⁰

Mauss já reconhecia os valores e a dialética da dádiva, atrás da estrutura econômica de redistribuição (ou de reciprocidade centralizada), das políticas de seguro social hoje tão ameaçadas.

“ Toda a nossa legislação de previdência social (...) inspira-se no seguinte princípio: o trabalhador deu sua vida e os seu trabalho à coletividade de um lado, a seus patrões, de outro e, se ele deve colaborar na obra de previdência, os que se beneficiaram de seus serviços não estão quites em relação a ele com o pagamento do salário. O próprio Estado, que representa a comunidade, devendo-lhe, com a contribuição dos patrões, uma certa seguridade em vida, contra o desemprego, a doença, a velhice e a morte “ (Conclusão de moral, p 296 / 260-261 FR)

Dans ces phénomènes sociaux « totaux », (...), s'expriment à la fois et d'un coup toutes sortes d'institutions : religieuses, juridiques et morales – celles-ci politiques et familiales en même temps ; économiques - et celles-ci supposent des formes particulières de la production et de la consommation, ou plutôt de la prestation et de la distribution (p 148)

¹⁰ *“Nous décrivons les phénomènes d'échange et de contrat dans ces sociétés qui sont non pas privées de marchés économiques comme on l'a prétendu, - car le marché est un phénomène humain qui selon nous n'est étranger à aucune société connue, - mais dont le régime d'échange est différent du nôtre ».(p 149)*

« Toute notre législation d'assurance sociale, ce socialisme d'État déjà réalisé, s'inspire du principe suivant : le travailleur a donné sa vie et son labeur à la collectivité d'une part, à ses patrons d'autre part, et, s'il doit collaborer à l'œuvre d'assurance, ceux qui ont bénéficié de ses services ne sont pas quittes envers lui avec le paiement du salaire, et l'État lui-même, représentant la communauté, lui doit, avec ses patrons et avec son concours à lui, une certaine sécurité dans la vie, contre le chômage, contre la maladie, contre la vieillesse, la mort » (conclusions).

Temple e Chabal lembram na introdução do seu livro (1995) que uma objeção à tese de Mauss, também poderia ser que se as sociedades fundadas sobre o intercâmbio mercantil emergiram historicamente das sociedades organizadas pela reciprocidade, isto não significa necessariamente que o intercâmbio provenha da dádiva. Intercâmbio e dádiva podem ter coexistido e ter se afrontado desde as origens, e o intercâmbio triunfar, por exemplo, na sociedade ocidental.

Precisamente, nas conclusões do Ensaio, Mauss escreve a propósito da sociedade moderna.

« Uma parte considerável de nossa moral e de nossa própria vida permanece estacionada nessa mesma atmosfera em que dádiva, obrigação e liberdade, se misturam. Felizmente, nem tudo ainda é classificado exclusivamente em termos de compra e de venda. As coisas possuem ainda um valor sentimental além de seu valor venal, se é que há valores que sejam apenas desse gênero».(p294)

« Une partie considérable de notre morale et de notre vie elle-même stationne toujours dans cette même atmosphère du don, de l'obligation et de la liberté mêlés. Heureusement, tout n'est pas encore classé exclusivement en termes d'achat et de vente » (p 250).

Uma releitura do Ensaio sobre a dádiva, como do conjunto da obra de Mauss ou de qualquer autor, deve, por suposto, ser situada no seu tempo. Assim, considero como contribuição primordial de Mauss, não apenas a qualificação da dádiva como forma de relação social e de transação econômica, mas, sobretudo, a universalidade da tríplice obrigação “ Dar, receber e retribuir” que permite hoje entender o princípio de reciprocidade como essa “rocha”, matriz das relações e civilizações humanas.

Referências bibliográficas

- ANSPACH Mark, 2001. A charge de revanche. Paris, Le Seuil.
- CAILLE. A. 1998 “Nem holismo, nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva”. In: *Revista Brasileira de Ciências sociais*. São Paulo: ANPOCS.
- GODBOUT Jacques, 2004. De la continuité du don, *La Revue du MAUSS*, 23 (1): 224-241
- LANNA Marcos 2000 Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a dádiva, *Revista Sociologia Política* n.14, Curitiba jun. 2000
- LEVI-STRAUSS Claude., [1950] 1977 Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss, in Mauss M. *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF, 482p. (7ma edição).
- LEVI-STRAUSS Claude., [1947] 1967 *Les structures élémentaires de la parenté*, chap. XXVII. « les cycles de la réciprocité » La Haye, Mouton.
- MARTINS Paulo Henrique A sociologia de Marcel Mauss e sua atualidade teórica O Paradigma da Dádiva e as Ciências Sociais no Brasil ST 13 XXV ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS2001, Caxambu, MG
- MAUSS Marcel. [1950] 1997, Essai sur le Don, forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques in: *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF. (Edição original *Année Sociologique*, seconde série, Tome 1, Paris. 1923-1924,)
– Citações em português tiradas da edição brasileira de Sociologia e Antropologia de Cosac e Naify (São Paulo), 2003
- MAUSS Marcel 1968-1969 Essais de Sociologie Paris, Ed. De Minuit, (t 1 e 2 des Oeuvres)
- SIGAUD, Lygia . As vicissitudes do Ensaio sobre o Dom. *Mana, Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 89-124, 1999.
- TEMPLE, Dominique 1997 LéviStraussique, la réciprocité et l'origine du sens in *Transdisciplines, Revue d'épistémologie critique et d'anthropologie fondamentale*, Paris L'Harmattan, Avril 1997
- TEMPLE, Dominique., 2003. Teoría de la reciprocidad. La Paz: PADEP-GTZ
Tomo I : la reciprocidad y el nacimiento de las valores humanos 212p;
Tomo II: La economía de reciprocidad 506p ;
Tomo III: El frente de civilización, 458p.
- TEMPLE, Dominique ; CHABAL, Mireille. 1995 *La réciprocité et la naissance des valeurs humaines*. Paris, L'Harmattan, 263p.